

## Compromisso com a valorização da mulher

Nas empresas brasileiras, quanto mais alto o cargo, menor a porcentagem de mulheres que o ocupam – apenas 9% dos postos de Diretoria têm mulheres à frente. Este não é um dado recente. Na verdade, já foi divulgado no final do ano passado pela pesquisa “*Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas*”, realizada pelo Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social. O estudo deixou clara a discrepância entre a participação das mulheres no mercado de trabalho e sua representação na sociedade.

O Instituto Ethos lançou, há um ano, a publicação que vai mais fundo neste recorte. Trata-se de *O Compromisso das Empresas com a Valorização da Mulher*, com números sobre a participação feminina no mundo do trabalho e no mercado consumidor, com indicadores de desigualdade, perfil de ocupação, a condição da mulher negra, o trabalho doméstico das meninas e outros problemas – que não são apenas brasileiros, mas mundiais.

A Organização das Nações Unidas tem alertado, em diversos relatórios, para o fenômeno da “feminização da pobreza”. Segundo a entidade, são mulheres 70% das pessoas que vivem em situação de extrema pobreza - com menos de um dólar por dia - no mundo. Isso significa a exclusão dos mínimos direitos de cidadania de aproximadamente 1 bilhão de mulheres – e dos filhos dessas mulheres, alijados, juntamente com elas, de condições básicas de sobrevivência. Forma-se então um círculo vicioso de miséria-que gera-miséria, imprescindível de ser rompido para se chegar a uma sociedade mais justa e igualitária.

A promoção da equidade entre os sexos e a valorização da mulher foram consideradas, por 191 países, como um dos oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio a serem alcançados até 2015. Conhecidos no Brasil como Metas do Milênio, estes objetivos foram estabelecidos em 2000, e referem-se a: “acabar com a miséria e a fome”, “educação básica de qualidade para todos”, “igualdade entre sexos e valorização da mulher”; “reduzir a mortalidade infantil”; “melhorar a saúde das gestantes”, “combater a AIDS, a malária e outras doenças”; “qualidade de vida e respeito ao meio ambiente”; e “todo mundo trabalhando pelo desenvolvimento”.

No Brasil, a condição de subordinação das mulheres é histórica e só nas décadas mais

recentes tem sido alterada. Conforme dados do Censo 2000 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), elas representam 50,5% da população e têm maior escolaridade do que a dos homens. Segundo pesquisa Ipsos Margraf, as mulheres são as grandes decisoras de compras de alimentos, roupa e eletrodomésticos. Sua opinião também pesa na escolha de bens duráveis como microcomputadores e automóveis. No entanto, esta influência não se manifesta em outras esferas da vida, especialmente nas relações de trabalho.

Em 1981, as mulheres correspondiam a 31,3% do total de trabalhadores. Em 2000, elas já representavam 40% do total da população economicamente ativa e somavam mais de 30 milhões de trabalhadoras. Entretanto, apesar da participação numericamente crescente, elas recebem, em geral, muito menos que os homens, mesmo quando estão em ocupações semelhantes. Segundo o IBGE, elas representam apenas 21,5% do total dos que recebem mais de 30 salários mínimos. A mulher negra, vítima da dupla discriminação, ganha, em média, R\$ 2,78 por hora, enquanto os homens brancos recebem R\$ 7,16.

Outro dado importante: entre 1992 e 2002, o número de domicílios chefiados por mulheres cresceu 32,1% e representa 26% das famílias brasileiras. Ou seja, uma em cada quatro famílias tem como responsável uma mulher; mas elas ganham, em média, R\$ 591, enquanto os homens ganham R\$ 827.

Assim, para o Brasil alcançar maior equidade entre os sexos, é preciso combater o preconceito, ampliar as chances das mulheres no mercado de trabalho, equiparar seus salários aos dos homens que exercem a mesma função, promover sua capacitação para funções especializadas e democratizar seu acesso a cargos de direção.

As empresas já estão contribuindo muito para este processo, mas podem fazer mais. A publicação recém-lançada registra casos de referência de bem-sucedidas políticas de valorização da mulher já implementadas. Promover a diversidade, a equidade e a inclusão social em todos os elos da cadeia produtiva e em todos os públicos com os quais a organização se relaciona são princípios do movimento de responsabilidade social empresarial, que está engajado no esforço de governos e organizações da sociedade civil para o cumprimento das Metas do Milênio.

Oded Grajew

[www.nossasaopaulo.org.br](http://www.nossasaopaulo.org.br) e [www.cidadessustentaveis.org.br](http://www.cidadessustentaveis.org.br)

**REDE** NOSSA  
**SAOPAULO**



PROGRAMA  
**CIDADES**  
**SUSTENTÁVEIS**